

A poética da intersubjetividade

A viagem como elemento catalisador da transitoriedade na museologia

Pedro Pereira Leite¹

1. Em Homenagem a Pierre Mayrand

Pierre Mayrand, que faleceu recentemente (2011), foi um dos pensadores mais estimulantes da Nova museologia. Acompanhou e contribuiu para os debates de renovação da abordagem museológica. Foi membro do MINOM (o Movimento Internacional para a Nova Museologia) e fundador dos Ecomuseus no Canadá. Mais recentemente viveu entre nós na Carrapateira, concelho de Aljezur, onde desenvolveu uma museologia comunitária. Dedicou ao ensino da museologia uma parte da sua prática museológica, na Universidade de Vitória em British Columbia, Canadá e na Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologia, em Lisboa, onde, em maio de 2009, o encontramos num seminário sobre “*altermuseologia*”

Problematizador da evolução conceitual da museologia, nesse seminário o autor traçou um panorama da sociomuseologia, da nova museologia, da eco museologia e da museologia social, no âmbito das suas aplicações em diferentes espaços museológicos. Pierre Mayrand defende a museologia como um processo de transgressão do social para a construção de novas redes de solidariedade.

Pierre Mayrand defende que não há uma “nova museologia” mas sim um movimento de renovação do pensamento museológico. Esse movimento inicia-se na década de cinquenta com George Henri Rivière e prolonga-se com o seu discípulo André Desvallés, que defendem a museologia como um *processo de diálogo*. Salienta-se desde já a importância dos dois conceitos, o de processo e o de diálogo. O primeiro que introduz o movimento, onde antes estava a percepção da imobilidade; o segundo que introduz a comunicação, como reação à percepção do monólogo das narrativas museográficas tradicionais.

É vai ser nesse espírito de diálogo que se processa a constituição do MINOM, um movimento que emerge como vontade de congregar aqueles que sentem a necessidade de interrogar o espaço do social nos museus. O que é um museu e qual é a sua função social² são as questões fundadoras deste movimento. Esta preocupação pelo social fundamenta a matiz do pensamento de renovação museológico. Se por um lado permite interrogar os museus como espaços onde se confrontam as estratégias de afirmação dos poderes sociais; essas mesmas estratégias de hegemonia dos poderes influenciam e determinam a conceção e a organização museológica. O conceito de função social dos museus constitui a consciência de que uma narrativa museológica é simultaneamente um exercício de liberdade onde se mobilizam as heranças para a construção do presente, e um exercício de poder que implica escolhas e tomadas de decisão pelos atores.

O movimento que conduz à criação do MINOM encontra a sua génese na Declaração de Santiago do Chile em 1972, onde se defende uma conceção dum museu ao serviço da comunidade para a resolução dos seus problemas. Esta declaração ainda que na época se centrasse nos problemas da América Latina, vai encontrar um amplo eco nas comunidades

¹ Roteiro para seminário de museologia na Cidade de Assomada, Outubro, 2011

² Nos Cadernos de sociomuseologia nº 28, 2007, Lisboa, Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias, o autor faz uma definição de conceitos

museológicas envolvida em processos museológicos de base comunitária, na Europa, na América e em África. Em 1984, no Quebec no Canadá, esta comunidade reúne-se e aprova a constituição do MINOM, e a declaração de Quebec, que concretiza a vontade de implicação dos museólogos com os processos sociais seus contemporâneos. A organização do MINOM será formalizada no ano seguinte em Monte-Redondo, em Portugal. A declaração constitutiva do MINOM também expressa a vontade de atuação dos museólogos como corrente organizada no interior do ICOM, a organização internacional que agrega os profissionais de museologia.

Ora, como salientou Pierre Mayrand no seu seminário, a emergência do MINOM está associado à experiência e participação de vários agentes culturais no intensos processos de alterações sociais e transformação de valores que atravessavam as comunidade suas contemporâneas. Foi essa percepção das sociedades como processos que permitiu conceber os museus como locais de práticas sociais de transformação. Uma vontade de se envolverem e se comprometerem em processos sociais de transformação, que encontrou nos espaços museológicos uma forma de ação.

Esse compromisso com a mudança também permitiu ao MINOM protagonizar a criação dum espaço de voz e de visibilidade para as dezenas de pequenos museus de comunidade e de vizinhança que a partir desta data vão surgindo por todo o mundo, contrapondo-se às visões estáticas dos responsáveis dos grandes museus ingleses, americanos e franceses que dominavam o ICOM. Pierre Myrand não deixa de chamar a atenção para a emergência de processos de participação, e de construção de cidadania, de luta pelos Direitos Humanos que os pequenos museus de comunidade permitem que ocorram, e que permitem que a museologia se assuma como uma ferramenta para a construção dos processos de desenvolvimento das comunidades e territórios.

Nos anos oitenta e noventa, este movimento permitiu uma emergência duma voz crítica dos museólogos contra a constituição dos “grandes” museus, das “grandes” narrativas de síntese, contra “as “grandes” causas, defendendo uma outra museologia centrada nas pessoas e nos seus problemas. Foi também por esta via que se ouviram as vozes críticas dos museólogos contra uma “*espetacularização*” dos museus, contra a construção dos “grandes” edifícios sem conteúdos. É também através do MINOM que se procurou recuperar, para o contexto europeu, algumas da reflexões que se desenvolverem em contexto africanos, nomeadamente na sua implicação com o desenvolvimento das comunidades. Alguns museus em África, na década de 70, com apoio da UNESCO na formalização das suas políticas culturais públicas procuram concretizar propostas museológicas implicadas na construção do desenvolvimento das comunidades. Algumas experiências museológicas com comunidades surgem no Mali, no Senegal e na Tanzânia.

Essa mesma posição crítica levou nos anos noventa o MINOM a posicionar-se contra a visão dos museus como “organização empresarial”, contra os museus concebidos como fábricas, locais de produção e de consumo, contra critérios de quantificação da sua influência social com base no número de entradas ou no número de exposições apresentadas.

Em síntese, a evolução da Nova Museologia ficou marcada por essa inquietação dos profissionais sobre a necessidade de reformar as organizações museológicas para as ajustar aos processos sociais. Às propostas de reformas dos museus, que caracterizaram os primeiros tempos, emergiram novas formas de museologia, que se traduzem no reforço da presença dos processos museológicos no desenvolvimento, com base na participação das comunidades. Foi

no âmbito dessas propostas que emergem as primeiras propostas de ecomuseus e processos museológicos envolvidos com os processos de desenvolvimento das comunidades e dos territórios. A ação museológica da nova museologia passou então a centrar-se na relação matricial das comunidades com os territórios na produção de objetos socialmente qualificados.

Pierre Mayrand contribuiu até ao fim da sua vida para este debate. A sua última contribuição “*Um manifesto para a Altermuseologia*” apresentado no último Atelier Internacional do MINON, realizado em 2007 em Lisboa é uma proposta para uma museologia alternativa, ajustada a um mundo transcalar. Os pressupostos de intervenção alternativa da museologia tem por base a convicção que é necessário criarem um outro mundo. De que é preciso criar um mundo que se regule por bases diferentes daquelas que é o modelo societal e económico dominante. Um modelo que tem por base a exploração intensiva de recursos não renováveis, a exploração das oportunidades que emergem nas profundas das desigualdades entre os povos.

A proposta de Pierre Mayrand para a altermuseologia é desta participar na procura de formas de construção desse mundo alternativo. A museologia pode constituir-se como uma ferramenta e os museus constituem-se como espaço experimentais. Para isso tem que se implicar nos diálogos com os movimentos sociais e com os distintos atores sociais na busca de plataformas e espaços de ação. A museologia, segundo Pierre Mayrand tem que estar aberta à vida e ao mundo. Tem que absorver os ritmos da sociedade e participar na construção desses ritmos. Os espaços museológicos devem-se assumir como espaços de festa para a comunidade porque o museu é um espaço de vida e a vida deve ser celebrada na sua dimensão experiencial.

Esta proposta do autor reconduz-nos à questão essencial que preside ao movimento de renovação da museologia, sobre qual é o papel da existência do ser humano na construção do seu futuro. Qual o papel dos patrimónios (das heranças) nessa construção. A museologia como instrumento de transformação das sociedades opera com as heranças e com os processos de comunicação. O seu desafio é fazer com que as escolhas, das heranças e dos processos de comunicação sejam livremente escolhidas pelos indivíduos. Um desafio para construir uma museologia dos outros.

2. A proposta dum roteiro para a construção duma poética da intersubjetividade

A nossa proposta de homenagem a Pierre Mayrand não podia de deixar de procurar responder a esse desafio de construir uma museologia para os outros. Vamos basear a nossa proposta na construção duma poética da intersubjetividade. A Intersubjetividade emerge na teoria do conhecimento como um modo de superar a subjetividade na relação entre o sujeito com o objeto de conhecimento. Esta é uma questão crucial na epistemologia, que tem sido pouco referenciada na museologia e que em outro lugar trataremos com maior detalhe³ A objetividade do conhecimento, na sequência da afirmação do método científico emerge da observação. Da observação de fenómenos. Na observação dos fenómenos procura-se que o sujeito não interfira no processo de forma a não afetar o resultado. A não-ocorrência dessas condições de observação implica a não-produção de conhecimento científico. Assim, numa visão simplista desta questão poder-se-ia dizer que a um conhecimento científico, objetivo, opõe-se um senso-comum, subjetivo.

³ Ver Narrativa Biográficas, oralidades e sócio museologia. Pós-doutoramento em Museologia, Lisboa, ULHT, (working paper) 2011

No entanto a experiência social, individual e científica permita a construção dum método subjetivo de produção de conhecimento em diversos domínios. Na Psicologia, por exemplo, o recurso à análise da subjetividade dos processos psíquicos é uma constante. No entanto, a questão da interferência do observador no processo, do sujeito de conhecimento ganha relevância.

Nas narrativas museológicas tradicionais, a construção do conhecimento está centrada no museólogo, que legitima a produção do discurso e nos objetos socialmente significativos que ilustram e interage com a narrativa. Uma museologia crítica procura romper com esta relação entre o sujeito unguído e o objeto significativo, centrada na produção duma narrativa hegemónica que se reproduz a si mesma, reinventando-se incessantemente. Procura romper esta relação por via da busca do conhecimento do outro, através dele mesmo. Na intersubjetividade a narrativa museológica é construída pelo outro. Daí a importância da sua palavra e da sua ação na construção do processo museológico. Não é a construção duma ideia criada no seio duma comunidade hegemónica que prevalece, mas sim o processo de construção dessa hegemonia como ação que se constitui como narrativa.

Naturalmente que qualquer narrativa é hegemónica e qualquer tradição é incessantemente reinventada (Hobsbawn, 1988). A relevância da construção da narrativa pela intersubjetividade não deriva do valor da materialidade do discursos e dos objetos, mas da experiência vivida. Da troca de ideias para produção de narrativas em que os diversos sujeitos estejam implicados.

É nesta dimensão que emerge a dimensão poética da intersubjetividade. Poético no sentido em que se transcende na produção de significados. Poética no sentido que é através do ato comunicativo que se produz e se cria inovação. Poética no sentido da busca da pluralidade dos significados. Poética porque a narrativa é simultaneamente exegética e teórica. No primeiro caso porque liberta os significados contidos nas formas, através da sua verbalização e ritualização; e teórica porque ao mesmo tempo que situa um discurso num espaço e num tempo contextual a recria através da releitura da experiência social significativa.

A poética da intersubjetividade é portanto uma experiência sensível que permite uma viagem na construção dos processos museológicos. Uma viagem através do qual os diversos sujeitos se deslocam no tempo e no espaço em torno de objetos socialmente significativo, de herança comum, para, em conjunto os reconstruírem.

A nossa proposta para a utilização da poética da intersubjetividade na museologia parte das narrativas biográficas. As sócio biografias estão implícitas na construção da sociomnese⁴ As narrativas biográficas partem duma problemática transitiva e reflexiva dos objetos sociais. Se as relações ente o sujeito que observa e o objeto que é observado são transitivas (a ciência como técnica de análise da probabilidade e da imprevisibilidade) a sua expressão, como processo é uma relação entre a forma de comunicação (uma linguagem) e o compromisso que se cria como resolução dos conflitos das partes (uma dialética). O compromisso não anula o conflito, apenas o procura superar.

Para a construção desse roteiro de trabalho museológico propomos um conjunto de quatro momentos: A constituição dum grupo museológico é um passo essencial para desencadear o

⁴ Sociomnese, é um neologismo que é por nós proposto no âmbito da nossa tese em Museologia, como instrumento de trabalho para processos museológicos com base na fenomenologia da memória social

processo. A partir da constituição do grupo, é lançado um primeiro desafio, de cartografar o mundo exterior. A cartografia pode ser feita por imagens que apoiam a construção de narrativas pessoais que traduzam a experiência do mundo por cada um dos elementos do grupo. O exercício pode implicar o movimento de descoberta do espaço exterior ou a utilização de elementos previamente preparados, tais como imagens, sons, materiais diversos, eventos etc. Para esse efeito o museólogo pode recorrer às diversas formas de animação de grupos, que podem passar pelo “café do mundo”, a visita de estudo, o espaço aberto, o método caórdico, etc. Uma outra proposta que temos vindo a trabalhar é propor que cada um dos membros do grupo relate a sua história de vida. O importante é desencadear uma experiência sensorial e cognitiva entre cada um dos sujeitos do grupo que permite criar uma bateria de informações experimentadas, em conjunto pelo grupo.

A partir dessa experiência vivida por cada um dos membros do grupo pede-se uma verbalização. Uma reflexão sobre a experiência. À cartografia sucede-se a corporização da experiência em que cada um dos membros partilha os sentidos das suas experiências com os restantes membros do grupo. A História de Vida, relatada aos outros é uma corporização da experiência individual. A sua partilha com o grupo permite introduzir várias dinâmicas de construção de sociabilidades.

Como já tem sido trabalhado por Cristina Bruno, (BRUNO, 2007); as viagens constituíram no passado um dos mais importantes métodos de recolha de objetos museológicos. Muitas das coleções reunidas nos museus de ciência, de etnologia, de arqueologia e de história foram constituídas através de viagens. Foram as viagens e a recolha de objetos que permitiu à ciência europeia cartografar o real e construir o seu mapa do conhecimento. A teoria da Evolução das espécies de Charles Darwin e o Método de Classificação de Lineu decorrem das grandes viagens dos séculos XVI a XIX. No século XX, o Estudo dos Museus olham para estas coleções segundo três perspetivas: numa perspetiva processual da preservação/conservação dos objetos segundo a cadeia operatória da museologia; numa perspetiva reflexiva, onde para além dos procedimentos da cadeia operatória são adicionados conceitos estruturantes (teoria da evolução, razões da coleção, história da coleção etc.); e na relação entre as instituições e a suas coleções. Nesta última perspetiva procura-se relacionar os processos de constituição dos acervos com os processos organizacionais que os determinaram. O recentramento das coleções arcaicas no tempo em que foram produzidos, reconstruindo o sentido das viagens que as originaram tem vindo a introduzir novos desafios aos discursos expográficos.

Mas o que nos interessa aqui reter nesta contribuição de Cristina Bruno é o desafio que nos é lançado de olhar para os processos museológicos como uma viagem contemporânea. No século XXI a viagem é uma experiência de transitoriedade. O conhecimento é trabalhado a partir da experiência dos sentidos. A narrativa museológica não pode ser mais a construção de monólogos. A narrativa museológica tem que constituir-se como um espaço e um tempo de construção de conhecimento. De descoberta e de experiência. A narrativa museológica constitui-se como um trânsito do olhar, uma viagem ou uma busca para resolver a inquietação sobre a condição humana.

É nesse sentido de experiência de corporização da condição humana, que parte da construção do diálogo entre os membros do grupo que se cada um dos membros incorpora conhecimento e o devolve à comunidade. A experiência da História de Vida ou da narrativa biográfica é neste sentido exemplar para corporizar uma experiência parte dum indivíduo como partilha para os outros elementos do grupo. A verbalização de uma má experiência individual permite a

reconstrução dos sentidos. É importante sentir o momento da partilha. Sentir o espaço, interrogar o que envolve os vários membros do grupo. Sentir os sons, os aromas, os cheiros, e as cores. Procurar identificar as formas e os movimentos, estar alerta para o espaço para que os sentidos possam captar o contexto e o momento. É a partilha desse momento que permite captar a essência do momento vivido e partilhado.

A partir da corporização importa problematizar os sentidos comuns. Interrogar aquilo que une e aquilo que diferencia os elementos do grupo. O desafio é agora de reconhecer o que há de comum, aquilo que pode ser utilizado como elementos comuns do grupo para construir uma ação. Mas para ter consciência do que é comum é preciso interrogar, inquietar. É necessário debater a diferença, enfrentar o que desune.

Ao terceiro momento da problematização sucede a construção da Utopia. Enfrentando o que une e o que desune a proposta é desafiar à construção duma narrativa partilhada que contenha a imagem do grupo. Assim, nos quatro momentos de construção duma narrativa intersubjetiva na museologia, em tese temos vários produtos.

Se tomarmos como exemplo a metodologia das histórias de vida temos, num primeiro momento, um conjunto de narrativas, dos diversos membros do grupo. Narrativas pessoais. O grupo pega nessas narrativas, debate os seus significados e reconstrói uma narrativa comum. O grupo negocia os elementos comuns, e os elementos de divergência. Discute o que deve ser incluído e o que não merece a pena ser recordado. No final temos uma narrativa socialmente construída.

O importante neste método não é o resultado final, mas sim a experiência vivida por cada um dos membros no processo que conduz a esse resultado. Não excluindo a possibilidade do resultado poder ser socialmente partilhado, o importante é que cada um dos membros tenha tido a oportunidade de viver um momento transformador, de pressentir o que é essencial.

Creemos que com esta proposta estamos a construir uma altermuseologia.

Bibliografia

ADORNO, Theodoro (2008). Teoria Estética. Lisboa, Edições 70

BRUNO, Cristina (2004), "*As expedições no Cenário Museal*" in *Expedição São Paulo 450 anos*, São Paulo, Museu da Cidade de São Paulo, pp 36-47

CHAGAS, Mário (2009). A Imaginação Museal: Museu, Memória e Poder em Gustavo Barroso, Gilberto Freyre e Darcy Ribeiro, Rio de Janeiro, Ministério da Cultura/IBRAM, 257 páginas

HABERMAS, Jürgen (1987) *Ciência e Técnica como Ideologia*, Lisboa, Edições 70, 149 páginas

HABERMAS, Jürgen (2010) *Fundamentação Linguística de Sociologia, Obras Escolhidas, Volume I*, Lisboa, Edições 70, 350 páginas

HOBBSBORN, Eric (1988) "Tradições Inventadas", in *Desporto e Sociedade*, Lisboa, Direcção Geral de Desportos, nº 80, 18 páginas

HONNET, Axel (2011). *Luta pelo Reconhecimento: para uma gramática moral dos conflitos sociais*, Lisboa, Edições 70.

LEITE, Pedro Pereira (2011). Casa Muss-amb-ike: O compromisso no processo museológico, Lisboa, ULHT

SANTOS, Boaventura de Sousa. (1987). Um Discurso sobre as Ciências, Porto, Edições Afrontamento, 59 páginas.

SANTOS, Boaventura de Sousa. (1989). Introdução a uma ciência Pós-moderna, Porto, Edições Afrontamento, 199 páginas.